

Dr. Klaus ()

Sempre fui ansioso, desde criancinha. Dr. Freud, o contra-caga-regra do teatrinho da mente, diz aí que um pesadelo perrengorrememorativo é a superação dum XXXXXXXXXX blablalblablá. Duas noites atrás, sonhei com a peça do curupira. Hoje sonhei de novo com o idem. Foi foda. E foi na sétima. Dizendo bem, o pesadelo foi com o ensaio. Dizendo bem à vera, o pesadelo foi só rememoração, que o pesadelo em si foi o ensaio.

Essa peça do curupira foi uma invencionice da professora de redação para o último bimestre. Em vez das superproduções dos anos anteriores, quando a turma toda colaborava em parafrasear um paradidático sobre Júlio César ou Cortés no México, a tal da Prof.^a Marluce (Marluce!), um pombo orgulhosão, daí Marquesa de Pombal ou Pomba Choca, teimou em

§ 1º – restringir a 6 (seis) alunos por grupo; e

§ 2º – exigir que o tema fosse folclore brasileiro.

Para piorar, ela impediu que a minha patota, seis certinho, formasse um grupo, dramaturgicamente assim espedaçando o Instituto Preguinho. Diplomatei alianças molotov-ribb:entrópicas. A profe sorteou os temas: Negrinho do Pastoreio, Mula-sem-Cabeça, Mãe-d'Água, Curupira, essas porras. Saci-Pererê não tinha. Alimentados por gíbi, filme e tevê, é óbvio que, fora a Mula-sem-Cabeça, a mitologia do Batman ou da Barbie fosse muito mais íntima que a nossa dita cultura popular nacional. Aliás, que a Mula-sem-Cabeça faz além de não ter cabeça? Folclore, como toda a molecada, eu conhecia bem era o grego por causa d'*Os Cavaleiros do Zodíaco*. O papelzinho trazia Curupira. Nunca tinha ouvido falar de curupira. Nem eu nem ninguém.

Cheguei a casa, puxei a *Barsa*, verbete **CURUPIRA**. Tinha um parágrafo térreo sobre cabelos de fogo, pés virados e morada florestal, v. **FOLCLORE**, que acrescentava que CÂMARA CASCUDO e BARBOSA RODRIGUES fizeram estudos sobre ele na Amazônia. O hiperlinque analógico acabava aí. Internet só tinha na Cultura Inglesa. Abri o Netscape, digitei *curupira* no AltaVista, veio uma página, fundo roxo e letra verde, sobre folclore brasileiro com três linhas de texto e três terabites de guifes, incluídos o planeta girando no sentido horário e um arco-íris de cinco cores. O curupira é um ser mitológico indígena com cabelos de fogo, pés virados e morada florestal. Digitei *curupira* no Cadê?, veio

a mesma página. Deve ser importante. E aquele guife do morcego é mor maneiro. Copiei no disquete.

No meu bairro, Campo Grande, havia três grandes escolas particulares. A minha, a única laica, jactava-se de ter a maior biblioteca do faroeste, cortesia da faculdade que também analfabetava ali. No catálogo, treva de fósforo, digitei **curupira. Pesquisa invalida. folclore**. Pintou meia-dúzia de livros, inclusive um sobre o folclore polinésio, tudo 398. exceto este 919. Vendo que escurecia, abandonei Aremata-Popoa e Aremata-Rorua, fui checar o índice dos outros livros. Só dois tinham índice. Só um tinha curupira. O curupira reputa-se, na Hiléia, entidade de coma ígnea, pés retrógrados e hábitat nemoroso.

No dia seguinte, Cultura Inglesa, Netscape, AltaVista, Tumu-nui. Abriu uma página da University of Hawai'i com direito a guife de hula-hula, fiquei catando milho com precário anglobetismo. Copiei no disquete. Aí me lembrei que estava quase na hora da aula e digitei, no Cadê?, com aspas, "histórias sobre o curupira". Veio, primeiro, a <http://www>. já consultada. A segunda era um laboratório de antropologia da Unicamp. No topo tinha o logo três-dê da universidade girando a 2 qps e um guife dum caracol surfista. Ali se explicava, em Comic Sans, que os folcloristas, inclusive a Dr.^a Fulana e o Prof. Em. Beltrano da Unicamp, tinham recolhido histórias sobre o curupira. O curupira era uma criatura de cabelo verde, pés virados e morada florestal. Vide a bibliografia. Copiei a página no disquete, anotei a bibliografia no caderno.

No outro dia, meu pai me arrastou a Cascadura para ajeitar o estoque do bar.

No outro dia, voltei à biblioteca. Só tinha um livro da bibliografia comicsaniana, grosso pacas, sem índice. Peguei o livro sem índice mais fino e terminei sem sequer me recordarem que o curupira etc. etc. etc. Ainda estava cedo, continuei com Aremata-Popoa e Aremata-Rorua.

No outro dia, era sábado. Joguei golzinho de manhã, joguei *War* de tarde, joguei queimado de noitinha. Abri a *Barsa*, **POLINÉSIA**. Abri *The Adventures of Sherlock Holmes (unabridged)* que tinha pego na biblioteca da Cultura Inglesa, ora pondo capuz e cachimbo, ora vendo a fila ruiva em tréquim, ora tentando topar com idéias a chupinzar para o curupira.

No domingo, joguei golzinho de manhã. De tarde, joguei *Worms* e *Lemmings*. De tardinha, já bem, sentei diante do caderno, especialmente comprado para o curupira, a capa um trem-bala saindo dum tubo de pasta-de-dente. A muito custo, vieram os personagens ou *dramatis personae* como diziam em inglês:

Memória e compulsão fizeram o disquete sobreviver a diversas mídias e baldeações. Dá pra acreditar?

Nessa época conseguia ler um livro inteirinho de bruços.

CURUPIRA
LENHADOR
ESPOSA DO LENHADOR
DR. KLAUS – cientista maluco

Risquei “cientista maluco” e escrevi “detetive particular”. Risquei o “particular” e escrevi “paranormal”. Risquei o “paranormal” e escrevi “folclórico”. Risquei “detetive folclórico” e escrevi “antropólogo”. E depois não risquei nem escrevi mais nada.

Abri a *Barsa*, **POLINÉSIA**. Depois, entre os cocozinhos dos morcegos, catei no sótão *Os Grandes Mistérios da Humanidade* para reler o trecho sobre a Ilha de Páscoa. Seriam os alienígenas? Aí começou o *Fantástico* e fui correndo que ia ter reportagem sobre o chupa-cabra. E se o curupira ajudasse a capturar o chupa-cabra?

Na aula seguinte de Redação, segunda-feira, a Pomba Ploc Monstros queria saber como prosseguiam nossas peças.

– Ainda tou fazendo a pesquisa, Professora – respondi vermelho, que sempre fui ansioso, desde criancinha.

Respirei, ousei:

– Professora, posso fazer uma pergunta? Pode fazer sobre o folclore *polinésio*?

– Como?

– O folclore da Polinésia... Eh, tem mais, eh, material.

– Não, querido, tem de ser o nosso, o brasileiro. Você é polinésio por acaso?

Arrulho rolha de atol. Mururoa.

– Ah! Pru-pru! E atenção, turma! Caprichem beeeeeeeeeeeeeem. Pru-pru! A direção confirmou que vai ver as peças. D^a Escolástica e o Prof. Beto. Pru-pru!

D^a Escolástica era a dona da escola – dêz que serviam trilobita na cantina. Apesar do nome bobo, mais ainda pelo título, o Prof. Beto era visto como equivalente em termos de disciplina à castração mecânica em termos de método contraceptivo. Em 1993, sobranceiras de taturana, ele fora o responsável por converter o pátio, na remela das sete, num Kleines Zeppelfeld, impondo comandos de ordem-unida e o canto do *Lanoican Onih Garanpii do Marviou*. Acho que foi um pânico moral pela derrota da Pátria contra a Bolívia. Aí o Romário trouxe o tetra e parou a palhaçada 1970-1936.

Após um acesso de pânico e desespero púbere, ou seja, absolutamente imperceptível, abri a folha do caderno curupírico e, após um tempão, acrescentei:

CURUPIRA
PROFESSORA DO CURUPIRA
LENHADOR
ESPOSA DO LENHADOR
DR. KLAUS – cientista maluco
AMIGA DA ESPOSA DO LENHADOR

Mais um tempão, risquei e escrevi: ASSISTENTE DO DR. KLAUS. E depois não risquei nem escrevi mais nada.

Ia tirar a tarde na biblioteca, mas o Daniel botou pilha de jogar *Tekken 3* na House Games. Já não curtia mais muito jogo de luta. Preferia *Mario Kart*. Mas era torneio, precisava de quatro, se não fosse era vacilão, ia ser expulso, essas chantagens, inclusive esculachar o *Mario Kart*. Como bons brasileiros, contemporizamos com claro dano para uma das partes, no caso a miniautomobilística. Com meu Bruce Lee despixelado pelo capoeira no segundo raunde, de perfecte, quis saber, na sinceridade, sobretudo do Leandro:

– Na moral, como é que tão indo as peças de vocês? Tou empacado.

Leandro estava no grupo da mula-sem-cabeça. Quem respondeu foi o Anderson:

– Vamos lá. A Iara, a Mãe d'Água, apesar desse nome, é mor gata, loiraça, bilha verde. Que nem sereia, menos a parte peixe, graças a Deus, que nem a Sheila Melo então, coxão e bundão. Fica perto da beira do rio cantando pra pegar os manés e afogar eles.

– Pra que?

– Sei lá. Deve ser psicopata. Ou só meia bruta. Aí um dia chega um mergulhador e ela se apaixona por ele.

– Guei. E aí?

– Sei lá. A Lúcia é que tá escrevendo.

– E tu, Leandro?

– Numa cidadezinha do interior, após um temporal sinistro, brabo, feio, horrível, as estradas ficam esbarrancadas, carro não passa, picape não passa, nem bicicleta passa, não tem mais luz, não tem mais telefone, tudo isolado, tudo arrombado de fodido. Numa noite fria de julho, de sereno pinicando na nuca, sem lua, sem estrela, pelas ruas tortuosas de paralelepípedo, desde lá do cemitério, bem no alto da colina, os passos da Mula sem Cabeça se misturam aos uivos do vento...

– Resposta! E que mais?

– Tem que pensar ainda.

– João Vítor?

– Ah! Cagaram pra minha idéia. O Conde Drácula

– Drácula?! O teu não...

– Calma aí, pô, tsc! O Conde Drácula tá ficando velho, quer se aposentar. Aí pra encontrar o substituto dele decide organizar um campeonato de porrada. Lobisomem, Frankenstein CARALHO, MOR APELÃO! , o Chupa-Cabra, a Loira do Banheiro, geral, mulão. Ganha o Negrinho do Pastoreio, só na capoeira. DingdinDING, DingdinDING, DindindindindindindinDING. FILHO DA PUTA, ARROMBADO VICIADO! É uma história de VINGANÇA.

No meio duma curva, meu Yoshi derrapou numa casca de banana, lembrei do Sena, lembrei do tetra, lembrei do nada da *Vamp*, lembrei da nota de Cr\$ 50.000. No fósforo,

> Câmara Cascudo ↵

Pesquisa invalida.

> Camara Cascudo ↵

Dois já diziam no título ter índice, *Dicionário de Folklore Brasileiro: A-I* e *Dicionário de Folklore Brasileiro: J-Z*, 403. Três vivas para as três colunas CURUPIRA. Confirmei que o curupira era uma entidade indígena com cabelo de fogo, pé revirado (tira-teima: calcanhar para frente) e moradia florestal, mas pouco me inspirava e muito me confundia. Em Caixa Prego, tem dentes azuis e verdes. Em Puta Parida, é orelhudo. Às margens do Rodo do Vento, é peludo menos no coco. No Território da Transcaralhândia, os dentes são de piranha, que amola em esmeraldas, cor não registrada. Na fronteira com o Condado da Furíngia, tem quatro palmos e dois mindinhos magros de altura. Em Toba Iscariota, ostenta mor pirocão, marra anatômica dificilmente encenável num palco ginasiano. Na Bota Lemuriana, extravia as botas-de-sete-léguas. Amava informação, não contradição. A frase que ficou foi esta belezura: “Gostam imensamente de fumo e pinga.” Como a freguesia do Laranjinha de Cascadura! Hahahaha...

O curupira era, portanto-pronto-ponto-final, uma entidade indígena com cabelo de fogo, pé revirado e moradia florestal.

Netscape, AltaVista, “Rapa Nui”.

Perguntei para minha mãe, que me ninava sobre Ícaro, Ali Babá, João e Maria, comercial dos Colchões Paraíba e da Varig, o que sabia do curupira:

– O curupira? Bem... Acho que ele tem pé virado, né?

De noite, quase dormindo, pensei numa história em que o Batman, após livrar Gotham de todos os supervilões e se casar com a Mulher Gato, viravam ativistas na

Amazônia, tipo o Sting, envolvendo-se numa campanha de defesa do curupira que tinha sido acusado de matar um madeireiro. No final, grande revelação, se descobria que o curupira de fato tinha matado o madeireiro, antigo assistente do Dr. Mengele que queria obter o DNA dos curupiras para seus perversos propósitos, entre os quais, se descobre, fazer reemergir do fundo do oceano a Lemúria e a Atlântida, o habitat do chupa-cabra, o que mostra que o ex-nazista tinha afinal um bom coração. E por que, afinal, o Conde Drácula é o chefe dos monstros e vilões? Faz sentido sim, mas *por quê?!* Dormi pensando em Roswell.

Acordei radiante. Vamos organizar:

CURUPIRA

BATMAN

MULHER-GATO – bat-esposa

DR. KLAUS – madeireiro nazista

DR.^a FLORISBELA – delegada de polícia florestal

Mas comecei a hesitar perante esse enredo enxuto e rico de possibilidades.

Na Cultura, tinha uns toca-fitas, em tese para praticar o ouvido, mas geral usava para ouvir música. Também servia para brincar de piloto de avião, que os fones eram enormes e tinham um microfone *MEIDEI, MEIDEI!!* Estava curtindo *Some Might Say* do Oasis e aí, do nada, me lembrei dum livro que meu pai, nenhum candidato ao Nobel, tinha comprado ao léu meses antes. Uma edição da Abril Cultural, capa dura verde-musgo, douradas letras caprichadas de convite de casamento, fita de cetim verde-água, formato quase quadrado, *Seis Personagens à Procura do Autor* do Pirandello. Aí engatou a lembrança dum filme que tinha visto de madrugada nas férias com o Super-Homem, o nome fugiu. Abri a pasta e catei o caderno, o do trem-anticária:

CURUPIRA

PROFESSORA DO CURUPIRA

LENHADOR

ESPOSA DO LENHADOR

DR. KLAUS – antropólogo nazista

DR.^a FLORISBELA – delegada de polícia florestal

E, pura verve, terminei três laudas.

DR.^a FLORISBELA
(arrancando um papel da prancheta)

Aqui a sua multa, Sr. Lenhador! Muito feio, viu, hein? (*Com ênfase.*) Você não sabia que o *Piniarialibus groenlandicubisrex*, vulgo pinheiro-da-groenlândia, é uma árvore ameaçada de extinção no Brasil?

Personagens e didascálias em caneta vermelha, falas em azul. Depois, em casa, terminei mais umas oito laudas, a peça estava já quase pelo meio.

DR. KLAUS
(batendo a mão direita mecânica na outra com a luva)

O Curupira há de me pagar! (*Risada diabólica.*)

Após breve exposição à minha trupe, que achou que eu estivesse de zoa, mas topavam, comuniquei o enredo à Professora Marluce, que julgou que eu estivesse de gozação, mas acabou aceitando. Pediu ligeiras alterações.

CURUPIRA
PROFESSORA DO CURUPIRA
LENHADOR
ESPOSA DO LENHADOR
DR. KLAUS – antropólogo alcoólatra
DR.^a FLORISBELA – delegada do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis)

Pensando bem, esta foi uma boa sacada, porque, embora nazista, não queria que o Dr. Klaus fosse exatamente um vilão vilãozão. Ninguém odeia à vera um bom cachaceiro. Bem, pelo menos, foi a lição que aprendi no Laranjinha de Cascadura. A história não teria vilões apesar da minha torcida por eles, ao meu ver, creio desde Coite-Coió, pela superioridade não só intelectual, mas, às vezes, também moral ou, ao menos, pela sinceridade das intenções. Já a transferência da Dr.^a Florisbela da polícia florestal para o Ibama era só um, digamos, toque de verossimilhança (**PIRANDELLO, LUIGI**).

O enredo era o seguinte. A professora do Colégio Conde de Boitatá dividia a turma 73 em grupos de cinco ou seis para preparem uma peça sobre o folclore curupiano. O Curupira (cujo nome de batismo é Egberto, só mencionado uma vez) tira no sorteio o Lenhador da Floresta. Ignorando até mesmo o que é um lenhador e não encontrando muita coisa sobre ele nem na enciclopédia *Farsa* nem na biblioteca nem na entretarafa, ele decide checar na própria floresta. O Dr. Klaus investiga a dispersão das fábulas germânicas sobre lenhador, o com camisa xadrez, bermuda suspensória e chapéu tirolês,

mas as abordagens anticientíficas, antiéticas e antiéticas do Curupira estão atrapalhando seu trabalho.

A cena final representa a primeira cena da peça escrita pelo Curupira, que consiste nos humanos recebendo

como tarefa escolar escrever uma peça sobre folclore, entre cujos temas o curupira.

Vamos distribuir os papéis

Em alemão é
Klinnsmanbeyerleverkusenkraftwerkvolkswagen,
cena 19, sugestão do João Vítor, descendente de
alemão, pela tataravó.

CURUPIRA *Flávio*
PROFESSORA DO CURUPIRA *Sara*
LENHADOR *Carmona*
ESPOSA DO LENHADOR *Raquel*
DR. KLAUS – antropólogo alcoólatra *José*
DR.^a FLORISBELA – delegada do Ibama *Juliana*
(Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
e dos Recursos Naturais Renováveis)

Qual foi a lógica da distribuição dos papéis? *Typecasting™*!

Flávio – Filhinho-de-papai, galãzinho, cabelinho de cuia loirinho, olhinho verde, riquinho, lembra o vocalista do Blur, isto é, uma menina. Tampinha e chassi-de-grilo. Atacante mascarado.

Sara – Meio gorda, meio baleia, cara larga e cansada de dia longo pela frente, anêmica, coque reprimido. Crente contendo acesso de profecia incolor. Enxadrista indistinta.

Carmona – Bronzeado, meio cara de índio, parrudo, alto, voz grossa, ajuda o pai na loja de material de construção, espinhento, bronco, ora esperto, ora burro. Zagueiro botinado.

Raquel – Cabelão cacheadão lustrosão, “moreninha” no bom-tom da democracia racial, “morena-jambo” noutro tom da

democracia racial, cê-dê-efe, inteligente e sonsa. Especialista em eice no vôlei.

José – Estronho, nerdóide, branquelo, quatro-olhos, despenteado caspento, franzino, braço de graveto, perna de tora, ainda por crescer, ansioso desde criancinha. Goleiro firulento.

Juliana – Grandalhona, cor-de-bola-de-basquete, rouca, virago. Capitã-para-a-vida do time de vôlei (misto), basquete (feminino) e queimado (misto) nas Olimpíadas Escolares.

Tirando o frutinha da turma, só eu falava regularmente com as garotas, muitas vezes só eu e elas. Essa foi a época quando tive melhor trânsito – provavelmente pela percepção de risco zero. Daí deve ter vindo minha senão escolha, então aceite como diretor da peça, devidamente concluída e sagazmente intitulada *O Curupira*.

Ensaíamos nas salas vagas ou num campinhozinho malocado atrás do ginásio poliesportivo. Nele mal dava para brincar de golzinho *stricto sensu*, dois-a, antes um golzinho-cascudinho e, a bem dizer, nem isso, porque uma lateral e uma linha de fundo, ambas tortas, sofriam a marcação cerrada de renques de cactos, velho rabugento vegetalizado, duas ruas inteirinhas. Se a bola escapasse dos espinhos, podia ainda ter a chance de furar quicando num jardim de pedras bicudas. Gabavam que os jardins da escola tinham sido projetados por Burle Marx. Bem, só os outros; os do campinho devem ter sido pelo Niemeyer. Para chegar lá se tinha de passar por corredores magros e tortos, um dos quais costeava o teatro de anatomia, onde, de cadeirinha, se podia contemplar, admirar e ranquear os defuntos. Os quesitos mais badalados eram tripas e olhos. O Curupira e o Lenhador sempre pediam cadeirinha. Nunca quis ver, só duas vezes. Mas isso é incidental à história, um *macguffin*.

Este era o terceiro ou quarto ensaio. Estávamos no campinhozinho. As cenas a se ensaiar eram 6–11, quer dizer, do primeiro breve fugaz encontro do Curupira com o Lenhador à beira do igarapé (imaginado) até o Dr. Klaus tomando um porre de cachaça na birosca do Seu Tião (personagem extracena). (No palco, substituímos a cachaça por vinho, quer pelo maior impacto visual, quer para mitigar algum desconforto entre o público de pais e mães cachaceiros). Então, essas cenas 6–11 dispensavam a Professora do Curupira e a Dr.^a Florisbela, que, depois de almoçarem no McDonald's, foram passear no Calçadão, na Silbene ou no Mercado São Brás, sei lá. O mais razoável é terem voltado para casa. Elas só ensaiariam na tarde seguinte, cenas 12 e 14, a Dr.^a Florisbela multando

o Lenhador no flagra duma fritada de ovo de ararinha-azul com filé de boto-rosa e a Professora do Curupira dando uma aula sobre os seres mitológicos para ajudar a turma emperrada, p. ex., esclarecendo que o Homem era uma espécie de réptil com pés de pato na testa que morava no deserto se alimentando de pedras e gostava de tacar fogo nas coisas, sobretudo nas noites de sexta, sábado e vésperas de feriado. Isso é incidental à história, embora já não tanto.

Esse terceiro ou quarto ensaio era o primeiro com adereços, alguns só. O Lenhador brande um machado, propriedade plástica original do Sr. He-Man. Eu visto um jalecão encardido abotoado que escorre pela grama, cortesia do pai da Esposa do Lenhador, médico, e uma peruca de tiras curtas de crepom vermelho. O Curupira está mais paramentado e também menos. Uma peruca de tiras longas de crepom vermelho, uma tanga de tiras de crepom verde, pés virados que roubamos do teatro anatômico. Não. Isso foi uma piada. Eram de cartolina. Achei péssima idéia ensaiar com os pés de cartolina. O Curupira pulava muito, sobretudo na cena 9. Calhava fácil de destruir o adereço. A voz da razão orsonwellesiana era secundada pela Esposa do Lenhador. O Curupira, porém, teimava.

– Tudo bem. Se estragar, tua mãe faz outro.

Menos paramentado porque o Curupira tirou a camisa. Apesar do fim do ano, não está calorão, mas a isso não me oponho, afinal, ele ficará mesmo sem camisa no palco e não estragará nenhum adereço.

– Também vou tirar a camisa – diz o lenhador, tendo já tirado a camisa antes de começar a frase.

– Mas pra quê? Que sentido isso faz na cena?

– Tirei e acabou.

– A peça se chama *O Curupira*, não se chama *Malhação em Férias*.

– Tá mor calorão.

– Tá quente? – pergunto olhando para a Esposa do Lenhador e o Curupira.

Responde a Esposa do Lenhador:

– Não.

Responde o Curupira:

–

Responde o Lenhador:

– Pô, mané, o Lenhador tá no meio do mato trabalhando que nem um condenado, por que ele vai ficar lá de camisa suando feito porco?

– Mosquito. *(Pausa)* E tem outra. *(Pausa. Dedo em riste.)* Como o Dr. Klaus vai identificar o tipo de lenhador que ele busca sem a camisa?

– Só deixar assim, ó, bem nas vistas. *(Colocando a camisa sobre um pedregulho no pequeno jardim de pedras, outra metamorfose do velho fura-bolas.)*

DR. KLAUS *(olhando para as folhas surradas da peça por cinco ou sete segundos)*: Bem, talvez faça sentido. Depois a gente vê. Vai ficar meio pornochanchada, mas oquei. *(Empertigando-se súbito, enrubescendo, o pináculo do method acting™, e pingue-pongando olhar para a Esposa do Lenhador.)*

ESPOSA DO LENHADOR *(elevando o queixo, roubando as funções do diretor)*: Então vamos lá, pessoal, cena 7. Zé, estão falando que o curupira anda aprontando por aí. Ele é perigoso. Leva a tua espingarda, ô home!

CURUPIRA *(agachado atrás duma moita, com raiva)*: Essa mulher aí nunca ouviu falar de proteção ambiental!

DR. KLAUS *(para o Curupira)*: Tu tem que agachar e ficar olhando assim *(agacha e faz o gingado de quem está olhando por entre folhas e galhos)*. E essa parte já mudamos. É “Essa mulher aí nunca ouviu falar *de lei contra a caça!*”. Vamos então de novo.

ESPOSA DO LENHADOR *(reforçando o sotaque caipira mentalizando os casamentos das festas juninas)*: Zé, estão falando que o curupira anda aprontando por aí. Ele é perigoso. Leva a tua espingarda, ô home!

CURUPIRA *(agora sim agachado atrás duma moita, com raiva, e gingando como quem está olhando por entre folhas e galhos)*: Essa mulher aí nunca ouviu falar de lei contra a proteção ambiental! Caráculis... Como é mesmo?

ESPOSA DO LENHADOR: Lei contra a caça.

DR. KLAUS: Lei contra a caça. De novo.

ESPOSA DO LENHADOR *(conservando milimetricamente a performance anterior)*: Zé, estão falando que o curupira anda aprontando por aí. Ele é perigoso. Leva a tua espingarda, ô home!

CURUPIRA *(agora sim outra vez agachado atrás duma moita, com raiva, e gingando como quem está olhando por entre folhas e galhos)*: Essa mulher aí nunca ouviu *(demonstrando maior irritação)* falar de *(breve pausa)* lei contra a caça! *(Sorriso de raiva.)*

LENHADOR *(afastando-se, condescendente)*: Que nada, mulher! Isso de curupira é balela. Medo eu tenho é do Ibama e daquele maluco desgraçado do Dr. Klaus.

DR. KLAUS: “Maluco desgraçado do” não tá no texto. *(Pausa para suspiro.)* É só “daquele Dr. Klaus”. De novo. Do começo.

ESPOSA DO LENHADOR (*conservando milimetricamente a performance anterior*): Zé, estão falando que o curupira anda aprontando por aí. Ele é perigoso. Leva a tua espingarda, ô home!

CURUPIRA: Essa mulher aí nunca ouviu falar de (*pausa*) lei contra a caça!

LENHADOR (*afastando-se, condescendente*): Que nada, mulher! Isso de curupira é balela. Medo eu tenho é do Ibama e daquele maldito Dr. Klaus. (*Dr. Klaus bufa fora de cena. O Lenhador dá um beijinho no rosto da Esposa, mais babujado que o necessário à ilusão perspectiva, inclusive à primeira fileira.*) Na volta, aproveito e vejo se trago um pirarucu pra janta e uma fita do Van Damme. Inté!

ESPOSA DO LENHADOR (*gritando da porta da cabana, erguendo os braços na ponta dos pés*): Traz o da Julia Roberts!

LENHADOR (*gritando distante em crime às leis da cinemática humana*): Pode deixar. Trago os dois.

DR. KLAUS (*neutro mas duro*): os três.

LENHADOR (*repetindo o tom*): Trago os dois. (*Sai pelo fundo do palco, centro alto, cheio de marra.*)

ESPOSA DO LENHADOR (*Por uns instantes, varre a casa com uma vassoura que pode ou não continuar invisível. Pára de varrer, encosta o queixo no cabo da vassoura e pensa na morte da bezerra.*): Acho que era melhor aquele da Demi Moore. (*Assusta-se com uma batida na porta. Abre a porta à esquerda.*)

DR. KLAUS (*em sotaque bêbado de alemão bêbado que imita os bêbados do Laranjinha de Cascadura*): Aqui, hic!, zerrr a rrezidênzia da zenhorrr Lenhadorrr?

ESPOSA DO LENHADOR: Sim, eu sou a Senhora Lenhador. Quem é ocê?

DR. KLAUS (*tirando o chapéu que pode ou não continuar invisível*): Eu zerrr a Doktorrr Klaus, pesquisadorrr da folclorre humano, hic!, digo, brasileirrrro.

ESPOSA DO LENHADOR (*receosa, recatada e curiosa*): Ah! Meu marido falou de ocê, acho. Nossa, o seu cabelo é bem ruivo, parece de fogo.

DR. KLAUS: Eu zerrr alemom. Lá é o comum mesma cabelo azulo... Bem, ahm... A Zenhorra Frau Lenhador não importada com meu fumarr cachimbo?

E por aí seguiu uma hora, uma hora e meia.

Como todas, as causas são misteriosas.

Como muitos, nem vi vindo.

Como comum, não me recordo direito.

Como feias, breves.

Acho que estávamos na cena 8 (o Lenhador conta para a Esposa como o Curupira passou uma nota de Cr\$ 50.000 na birosca do Seu Tião falando que era dinheiro alemão e valia uma grana) ou na cena 9 (o Lenhador tenta abater a tiros de espingarda, o Curupira, que escapa sempre pulando na hora certa de galho em galho). Ah! Minto! Sim, foi a cena 10 (a Esposa do Lenhador decide armar arapuca com fumo e vinho).

Acho que a primeira coisa foi um guincho e uma careta do Curupira. Não entendi direito, porque isso estava previsto para a cena 19 (quando o Dr. Klaus cai na armadilha

ESPOSA DO LENHADOR
(para o Curupira): Mas ocê
não ama fumo e pinga,
oxente?

CURUPIRA: Claro.

ESPOSA DO LENHADOR:
Então porque não
pegou? (Batendo com as
mãos nos quadris.)

CURUPIRA: Sou de-
menor, né, tia? E minha
mãe estava de olho.
(Gesto de "estou te vendo,
hein?")

de fumo e vinho e se revela como curupira gringo). O Curupira deu um salto na minha direção. Pulei para trás. Ele gira ligeirinho, tampinha que é. Aparece agarrado às minhas costas. Me envergo para frente, depois o empurro com os cotovelos. Ele desmonta. Nisso vem o Lenhador me dar uma banda. Abaixo o quadril, cravo os pés, sumô do instinto, pego o Lenhador pela nuca, o Lenhador me pega pela nuca, ele me puxa, eu o puxo. O Curupira salta de novo nas minhas costas, mais carrapatinho. O Lenhador engancha a perna na minha panturrilha e fiska. Vim, com minha mochila de Curupira, bambeando quase cavaco, mas jogo o peso em cima

do Lenhador. Ele segura o tranco, mas bambeia também. Apóio a sola no meio da canela do Lenhador. Depois, girando rápido com o Curupira, tento passar uma banda nele, mas tira a perna.

ESPOSA DO LENHADOR (gritando): Pára! Pára! Larga ele! Pára! (*ad libitum*)

Me dobro e me chacoalho para derrubar o Curupira num balão, mas vi que quem ia cair de cara no chão era eu. Humilhações ↗ queda sangue choro. Dou uma moca no Curupira, desmonta, monta. Montou, percebo, me alienando do ar. Meti as mãos entre meu pescoço e seus braços, tentei mordê-los, sacolejei, rodei, me dobrei, a peruca caiu. Olho suplicante para a Esposa do Lenhador. Ela só parece gritar como se fôssemos briga de cachorro. Me veio uma vontade desgraçada de voltar à tona. Só falta teto-preto, no meu caso, -branco. Se me estabacar de costas com ele, o Lenhador vem e me fode. Fugi do córner, vou cruzando o campinhozinhoõaço a passos largos, lentos, leves. Na lateral, viro, acelero a recuas, deixo o corpo cair de costas. Se gritei de dor pelo espinho, um ou outro, no braço, nem eu ouvi. Cacto carrapaticida.

Um, dois, três, fôlego. Subo com os óculos na pontinha do nariz. Quando ia me levantar, Carmona tascou uma bicuda na direção da minha cara. Reflexo de goleiro presepeiro, só tive tempo de espalmar e fazer um rolamento. Caio sobre as pedras. O chute pegou ainda assim no antebraço esquerdo, magrelo. Primeiro um gelo muito errado,

depois o raio-xis, dor enorme e raiva maior ainda. Encho a mão direita com uma pedra e subo num xoriúquem rupestre. A pedra bateu bem no queixo.

ESPOSA DO LENHADOR (*gritando, ad libitum*): Parem com isso! Já chega! Parem, merda!

O Lenhador bola, bolou um tempo. Quando, dois ou três ciclos, os piu-pius param de aureolá-lo, abaixa a cabeça, bufa, cisca e vem todo touro de tourada *Pernalonga*. Faço o arco para tacar a pedra, não vai dar tempo de pegar impulso, largo como dá, ele se esquivou, a pedra passou rasante na Esposa do Lenhador. Isso no Universo B. No Universo A, a pedra bateu bem no estômago dela. O marido chega me pegando pelos braços e caindo por cima de mim em metralha de moca. Urro da dor já doída, não das mocas, dor tão furiputa que meto uma cotovelada em quina do queixo.

Cara fresca.

Ele tinha rolado para o lado.

O céu azulzinho salpicado de vermelho.

Paz tão grande, paz de anestesia, paz de desmaio.

Deitado na grama, a pedra travesseiro e o cacto cabeceira, choro berreiro, meu arquejo, palavrão boca-mole, choro baixinho, o arrulhar das folhas. No braço esquerdo, a partir de dois pólos, um roxo-verde crescia e mudava em preto-amarelo. O Curupira, de quatro, ouriço calvo, chorava, mãos adiante, com a cabeça na grama e filetes de sangue pelas voçorocas das costelas. A Esposa do Lenhador, segurando as mãos à frente do peito e olhando para o céu, estátua de santa chorona. Isso no Universo B. No Universo A, ela, ajoelhada segurando as mãos na boca do estômago e olhando para o chão, estátua de santa chorona. O Lenhador, em perninha-de-chinês, inclinado, segurava o queixo ensangüentado; boca aberta, a língua em marquise. Uma lágrima gorda, cúmulo-nímbica, nunca terminava de cair. Talvez não fosse. Sempre enxerguei mal pra caralho. Foda-se. Perde quem chora ou sangra. Minha cabeça começou a doer. Um, dois, três, foda-se, galos. Foda-se.

Levantei meus setecentos e noventa e cinco anos. O choro, preso, tatee menos no olho que na voz, ainda muda. Olhei um pouco para a mancha preta-amarela, nebulosa em braço de via-láctea. Olhei um pouco para o nada. Olhei um pouco para outro nada. Olhei

de volta para o primeiro nada. O pé de cartolina amarfanhado. As folhas, grampeadas, eram consultadas pelo vento. É um [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] blablablá. Foda-se.

DR. KLAUS (*Folheia. Pega a peruca. Folheia. Pausa.*): Agora então a Esposa da Lenhador dá o mapa para o Dr. Klaus, que diz “O Curupira há de me pagar!”

04/03/2025–14/03/2025